O cemitério de Praga, **de Humberto Eco** **Rio de Janeiro: Record, 2011.**

Ernesto Jacob Keim

Professor na Universidade Regional de Blumenau (FURB); Pesquisa a Educação como agente de revitalização da cultura e língua ancestral do povo Xokleng/Laklânô por meio da Educação Escolar e também a educação do Idoso com base Rudolf Steiner (pedagogia Waldorf) e Paulo Freire em parceria com a Alanus Universität – Alfter/Bonn – Alemanha.
ernestojacobk@gmail.com

Mais uma vez Humberto Eco nos surpreende de forma espantosa com sua mais recente produção impressa no Brasil: *O cemitério de Praga*. É uma obra que deixa o leitor em dúvida durante todo o tempo e, ao final da leitura, ela se mantém em torno de quanto é ficcional e quanto é histórico. Essa sensação se agrava pelo fato do autor esclarecer que apenas um personagem é fictício e os demais são personagens reais com “carteirinha de identidade amparada em documentos reais” datados do final do século XIX na França e na Itália e, claro, na República Checa. O livro tem o mérito de encantar mesmo com a crescente sensação de dúvidas e também com as posições sociais que denuncia com refinada malícia. A qualidade do texto e as artimanhas da trama prendem o leitor e o obrigam, ao final, a rever muitas de suas convicções e certezas e também sobre o que e em quem acreditar.

Eco é considerado como o maior medievalista vivo, que além de reconhecido pesquisador é também romancista e escritor com mérito reconhecido, capaz de fazer com que fatos despercebidos na época dos acontecimentos, ganhem em suas tramas, vida e importância, graças ao rigor da pesquisa histórica que desenvolve, como autoridade incontestada. Essas pesquisas nos levam a acompanhá-lo em inúmeras pesquisas secundárias que desvelam o que muitas vezes foi reduzido e simplificado a quase nada pelos componentes curriculares desenvolvidos nas escolas.

O reducionismo escolar gera heróis e deixa no limbo do desconhecimento personagens que foram fundamentais para motivar importantes movimentos estudados superficialmente, o que nos faz olhar o passado

como algo sempre predestinado e naturalizado. Dessa feita surge durante o relato um desejo muito grande de busca pelos demais atores, reais e secundários, mas responsáveis pelas tramas que geraram muitos fatos e feitos, eleitos pelas escolas como objeto e referencial de estudo. Reconhecer a existência de seres que perderam a visibilidade histórica, em nome da simplificação, é um dos méritos dessa obra.

A sensação que essas provocações deixam no leitor, além de momentos deliciosos e divertidos com humor muito fino e grande sagacidade, é a incontestável certeza do quanto cada pessoa, mesmo as que se consideram bem informadas e com maturidade crítica, são a todo tempo iludidas e enganadas pelos recursos ilusionistas de que as mídias são capazes de desenvolver, todos com a proteção de serem fidedignos e representarem a última e definitiva versão de fatos que levam pessoas e grupos sociais e políticos, à glória ou à bancarrota.

As tramas tecidas com as urdiduras do poder centralizado que se move, como se fossem independentes, cada um de seus membros tentaculares, geram consequências imprevisíveis e inesperadas. Isso ocorre de tal forma, que a vida e os ideais, passam a ser estorvos para a concretização dos interesses e dos valores dos poderosos.

É muito interessante a forma como esse texto nos remete a uma Europa do século XIX fora dos castelos e palácios, onde encontramos pessoas comuns, com o cotidiano de um povo oprimido, cuja realidade sanitária das cidades e de suas moradias, por exemplo, é digna de nota, pela precariedade e falta de recursos favoráveis à vida. Com isso somos levados a pensar o quanto fomos e somos ludibriados, com a imposição de uma Europa colonizadora, que se impôs com uma imagem a que se aplica o ditado popular que diz “por fora bela viola, por dentro pão bolorento”, referindo-se ao contexto urbanizado miserável em todos os sentidos, que consistia a realidade da população.

Outro aspecto que merece destaque é o fato desse romance se mostrar como um fantástico e completo relatório de pesquisa, mostrando que é possível e até necessário, que se repensem as formas como são escritos e organizados os textos ditos científicos, presos a um formalismo arcaico e embrutecedor que anula muitas possibilidades de avanço na expressão, do que foi pesquisado.

Durante a leitura se tem a curiosidade avivada para buscar informações sobre quem eram as pessoas e os locais citados. Heróis e vilões, movimentos e preceitos, carregados de preconceitos e chavões que promovem miséria e marginalização. O texto nos desafia a buscar respostas para questões como: por que a Guiana Francesa não teve por parte da França o mesmo processo de exploração e “civilização” dado às colônias localizadas no continente africano? O que rege e motiva os interesses que caracterizam os movimentos diplomáticos? Qual o lugar da integridade e da dignidade quando se trata de poder e dos interesses que perpassam as principais instituições humanas, como reinos, impérios, repúblicas, ditaduras, igrejas e confrarias diversas?

Para ilustrar aspectos que chamam atenção no livro destaco algumas citações com a finalidade de instigar o leitor desta resenha a buscar o texto referido. Assim destaco: “Não convém sobrecarregar a cabeça dos agentes do governo com demasiadas informações, eles apenas querem ideias claras e simples, preto no branco, bons e maus, e o mau deve ser um só [...]” (p. 112); “Como o senhor deve ter compreendido, caro advogado, freqüentemente a política é decidida por nós, humildes servidores do estado, mais do que por aqueles que aos olhos do povo, governam [...]” (p. 117); “Convém que os nossos presidam a direção de todos os jornais, em todos os países. Uma vez donos absolutos da imprensa poderemos mudar a opinião pública sobre a honra, a virtude e a retidão e desfechar o primeiro assalto à instituição familiar [...]” (p. 228); “Antigamente as imundícies eram jogadas na rua, criaram até uma lei que obrigava a gritar “água vai” antes de lançar os próprios dejetos pela janela, mas dava muito trabalho e esvaziava-se o penico sem aviso e azar de quem estivesse passando [...]” (p. 247); “Certas notícias se você as der de uma só vez, as pessoas se esquecem depois da primeira impressão. Convém, ao contrário, destilá-las aos poucos, e cada nova notícia reacenderá inclusive a lembrança precedente [...]” (p.289); “Uma mística é uma histérica que encontrou seu confessor antes do seu médico [...]” (p. 334); “É necessário um inimigo para dar ao povo uma esperança. Alguém já disse que o patriotismo é o último refúgio dos canalhas. (p. 370).

Com essas poucas linhas entrego essas impressões para animar pesquisadores e estudiosos de história, filosofia, antropologia e também aqueles que acreditam e defendem religiões, partidos e sistemas com suas

diferentes e múltiplas mentalidades e posições, com relação ao poder e ao sentido de sua existência. Nesse questionamento entram também as certezas e convicções tidas como científicas que se arrogam de portadoras de verdades e, com essas questões, caminho para as palavras finais dizendo que Eco lança dúvidas, sobre as verdades estabelecidas e também lança dúvidas sobre seu próprio texto, o que motiva trazer como locução finalizadora o seguinte: fique com o grato, sublime e sagrado benefício da dúvida.